

## **PREDICADOS PRIMITIVOS, PAPÉIS TEMÁTICOS E ASPECTO LEXICAL**

**Márcia Cançado**

**Luisa Godoy**

**Luana Amaral<sup>1 2</sup>**

mcancado@ufmg.br

luisagodoy@gmail.com

luana.l.amaral@gmail.com

**RESUMO:** Este texto argumenta a favor de um tipo de representação lexical das estruturas argumentais de verbos: a linguagem da decomposição semântica de predicados. Para exemplificar a proposta, são mencionadas quatro classes verbais do PB, as quais foram organizadas em termos de decomposição de predicados e exaustivamente descritas semântica e sintaticamente em Cançado, Godoy e Amaral (no prelo). O objetivo deste texto é o de mostrar como a decomposição de predicados é uma linguagem semântica bastante completa, podendo, por um lado, representar o significado lexical que é relevante gramaticalmente, e, por outro, abarcar outros dois tipos de informação semântico-lexical, muitas vezes usados como representação do significado e da estrutura argumental dos verbos: os papéis temáticos e os aspectos lexicais. Mostramos, assim, de que maneira as informações temáticas e aspectuais podem ser derivadas das estruturas de decomposição de predicados.

**PALAVRAS-CHAVE:** decomposição de predicados; estrutura argumental; papéis temáticos; aspecto lexical.

### **INTRODUÇÃO**

O objetivo deste artigo é mostrar a vantagem de se usar a linguagem conhecida como decomposição em predicados primitivos, ou simplesmente “decomposição de predicados”, para representarmos a estrutura argumental de classes verbais. Essa linguagem semântica é mais formalizada que outras linguagens de representação semântica e é, portanto, uma maneira mais sistemática de se lidar com o sentido dos verbos. A partir dessa representação podem ser derivadas outras informações semânticas do tipo aspectual do evento e do tipo

---

<sup>1</sup> Márcia Cançado é doutora em linguística e professora da Universidade Federal de Minas Gerais; Luisa Godoy é doutora em linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais; e Luana Amaral é doutoranda em linguística na Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> As autoras agradecem à FAPEMIG e ao CNPq (auxílio PPM e bolsa PQ), ao CNPq (bolsa pós-doutoramento) e à CAPES (bolsa mestrado).

temático dos argumentos. Essa proposta será baseada no trabalho de Cançado, Godoy e Amaral (no prelo), “Catálogo de verbos do português brasileiro”, em que se apresentam quatro grandes classes verbais do português brasileiro, de acordo com as suas representações em estruturas de decomposição de predicados. Vamos usar a classificação e as estruturas de predicados primitivos propostas pelas autoras para mostrarmos a vantagem em se usar tal linguagem na representação da estrutura argumental dos verbos e para mostrarmos como se dá a derivação de papéis temáticos e de aspecto lexical dessas estruturas.

## 1. O QUE É DECOMPOSIÇÃO EM PREDICADOS PRIMITIVOS

A semântica de um verbo não é unitária, mas composta por subpartes e componentes. Foram os semanticistas gerativos (Lakoff, 1970; Ross, 1969; McCawley, 1968) os primeiros a proporem reescrever tais componentes em uma metalinguagem inspirada na lógica formal, de predicados e argumentos. A maneira pela qual esse tipo de semântica decomposicional se ajustava à estrutura da gramática, proposta pelos semanticistas gerativos, foi mais tarde duramente criticada na literatura, o que levou a teoria ao seu esvaziamento. Entretanto, a ideia de decomposição do sentido de itens, expressos em um sistema de predicados primitivos, perpetuou-se nos estudos linguísticos.

Muitos semanticistas lexicais, tais como Jackendoff (1990), Levin e Rappaport-Hovav (1995, 1999, 2005), Levin (2009), Rappaport-Hovav e Levin (1998a, 2010), Van Valin e LaPolla (1997), Van Valin (2005) e Wunderlich (1997, 2012), continuam a explorar a ideia de que os determinantes semânticos da realização argumental derivam da decomposição do significado dos verbos em elementos básicos. Segundo Levin e Rappaport-Hovav (2005: 69): “A decomposição de predicados é a representação do significado formulada em termos de predicados primitivos escolhidos para representar os componentes do significado que são recorrentes entre os grupos de verbos”. Wunderlich (2012) mostra que um dos argumentos mais fortes a favor da abordagem em decomposição de predicados vem de verbos chamados “denominais”. Por exemplo, nomes como *jaula/hospital* e *pimenta/goma* referem-se a lugares ou a substâncias. Entretanto, existem verbos relacionados a esses nomes que se referem a eventos. Por exemplo:

- (1) a. O treinador enjaulou o leão.  
b. O médico hospitalizou o paciente.
- (2) a. A cozinheira apimentou a comida.

b. A lavadeira engomou a roupa.

Os verbos em (1) e (2) acima, conhecidos na literatura como verbos de *location* e *locatum* (Clark e Clark, 1979; Hale e Keyser, 2002), respectivamente, certamente contêm os conceitos de *jaula/hospital* e *pimenta/goma* como um de seus componentes de sentido. Os componentes restantes que estruturam o sentido desses verbos são outras unidades semânticas, que juntas com o sentido específico do nome, dão origem ao significado eventivo do verbo. É possível formular paráfrases que realçam a relação entre esses nomes e as outras unidades semânticas que formam o sentido do verbo:

(3) a. O domador colocou o leão na jaula.

b. O médico colocou o paciente no hospital.

(4) a. A cozinheira proveu a comida com pimenta.<sup>3</sup>

b. A lavadeira proveu o vestido com goma.

Com essas paráfrases, é possível perceber que existem componentes de sentido recorrentes em cada grupo de verbo.

Um teste tradicional usado na literatura linguística (Morgan, 1969; Dowty, 1979; Stechow, 1995) para mostrar a natureza decomposicional dos verbos é o teste com o advérbio *quase*. Esse teste se baseia na ideia de que o sentido de alguns verbos pode ser decomposto em subunidades menores, que representam subeventos do verbo, e que a composição com o advérbio *quase* resulta em uma interpretação ambígua no que diz respeito ao escopo do advérbio sobre esses subeventos:

(5) a. O João quase persuadiu a Maria a dançar.

b. O que o João quase fez foi persuadir a Maria a dançar.

c. O que o João fez foi quase persuadir a Maria a dançar.

Em (b) e (c), temos paráfrases das duas possíveis leituras da sentença com o verbo *persuadir* e o advérbio *quase*: em (b), o João não fez nada para persuadir a Maria a dançar, tendo assim o advérbio *quase* escopo sobre o primeiro subevento; em (c), o João agiu com a finalidade de

---

<sup>3</sup> Hale e Keyser (2002) justificam, para o inglês, a utilização dessa paráfrase para esses verbos, em uma perspectiva morfossintática. Em uma perspectiva semântica, Cançado e Godoy (2012) e Cançado, Godoy e Amaral (no prelo) mostram, para o português brasileiro, porque essas são as paráfrases mais adequadas para esses verbos, e não as sentenças *a cozinheira colocou pimenta na comida* e *a lavadeira colocou goma no vestido*.

persuadir Maria, mas não obteve o resultado de a Maria ser persuadida, tendo, assim, o advérbio *quase* escopo sobre o subevento interno do verbo. Com esses exemplos, mostramos que o advérbio *quase* enxerga partes internas diferentes do sentido do verbo *persuadir*, evidenciando assim que o sentido desse verbo é realmente decomponível. Esse teste, então, mostra que o sentido de alguns verbos não é unitário, mas se compõe de partes. Percebe-se, além disso, que as partes do sentido verbal evidenciadas pelo teste são eventualidades, também chamadas de subeventos. A existência de dois subeventos distintos na semântica de um verbo é, na literatura, associada à presença de uma relação causal. Em concordância com as definições tradicionais da causação, como as de Dowty (1979), Parsons (1990) e Pustejovsky (1995), e seguindo a argumentação de Wunderlich (1997), assumiremos que a causação é uma relação necessária entre dois subeventos distintos temporalmente, se eles compõem a semântica de um único verbo. Em outras palavras, se, no evento denotado por um verbo, há dois subeventos distintos temporalmente, há uma relação necessária de causação entre eles. Assim, se o teste do *quase* identifica dois subeventos, então também identifica a presença de uma causação.

Com essas explicações, justificamos a natureza composicional dos verbos e a adequação em se utilizar uma linguagem de decomposição em predicados primitivos para se estudar a semântica das classes verbais.

## 2. A LINGUAGEM DA DECOMPOSIÇÃO

Para ilustrarmos como funciona a linguagem de decomposição de predicados, vamos usar a análise semântica feita por Caçado, Godoy e Amaral (no prelo) para quatro grandes classes verbais do português brasileiro. As autoras propõem em seu trabalho dividir os verbos do português brasileiro em classes segundo as suas propriedades semânticas e sintáticas. Assume-se que classificar verbos implica agrupá-los em classes que partilham certas propriedades não só semânticas, mas também sintáticas, ou, ainda, implica agrupá-los por propriedades semânticas que tenham impacto no seu comportamento gramatical. Assume-se também, juntamente com Fillmore (1970), Dixon (1992), Dowty (1989, 1991, 2001), Levin (1993), Levin e Rappaport-Hovav (2005), Franchi (2003), Caçado (2005), dentre outros, que a informação semântica presente nos itens lexicais não se resume a uma coleção de sentidos idiossincráticos. Existem também outros tipos de sentido – os sentidos que são relevantes gramaticalmente, determinando as realizações sintáticas dos itens. Logo, se alguns verbos se

comportam sintaticamente da mesma maneira ou, mais propriamente, compartilham uma propriedade sintática, então carregam alguma propriedade semântica em comum.

Tendo em vista essa hipótese, as autoras propõem fazer uma ampla análise de classes verbais do português brasileiro que denotam algum tipo de mudança, descrevendo as propriedades semânticas e sintáticas, e associando a cada classe uma estrutura de predicado primitivo. As autoras assumem que existem quatro grandes classes de verbos de mudança no português brasileiro, que podem ser ilustradas pelas sentenças com os seguintes verbos<sup>4</sup>:

- (6) O João *quebrou* o vaso. (classe de verbos de mudança de estado)
- (7) O marceneiro *acomodou* a mobília no quarto. (classe de verbos de mudança de estado locativo)
- (8) O domador *enjaulou* o leão. (classe de verbos de mudança de lugar)
- (9) A cozinheira *apimentou* a comida. (classe de verbos de mudança de posse)

Todos os verbos dos exemplos acima têm um sentido recorrente de mudança. Em (6), o vaso muda para um estado final físico; em (7), a mobília sofre uma mudança de posição relativa a um lugar; em (8), os livros sofrem uma mudança de lugar; e, em (9), a comida sofre uma mudança de posse<sup>5</sup>, pois passa a ter pimenta. As autoras alegam que explicitar esses tipos de mudança é relevante do ponto de vista gramatical, pois é possível fazer previsões a respeito da sintaxe de uma língua a partir dessas especificidades semânticas. Por exemplo, verbos que denotam mudança de estado participam da alternância causativo-incoativa, o que não ocorre com verbos que denotam outros tipos de mudança:

- (10) O vaso (se) *quebrou*.
- (11) \*A mobília (se) *acomodou* no quarto.
- (12) \*O leão (se) *enjaulou*. (na leitura incoativa, e não na reflexiva)
- (13) \*A comida (se) *apimentou*.

---

<sup>4</sup> Ressaltamos que os “nomes” das classes buscam explicitar as suas propriedades semânticas, mas a definição de uma classe verbal é dada pela estrutura de predicados e tais nomes são utilizados apenas para facilitar a referência a determinada classe.

<sup>5</sup> Esses verbos são conhecidos na literatura como verbos de *locatum*. Chamamos esses verbos de verbos de mudança de posse porque o resultado final denotado por eles é um estado de posse, por exemplo, *a comida com pimenta*, e não um estado locativo, como *a pimenta na comida*, sendo que essa relação de posse é explicitada pela preposição *com*. Para evidências sobre essa proposta, ver Hale e Keyser (2002), Cançado e Godoy (2012) e Cançado, Godoy e Amaral (no prelo).

Além da possibilidade ou impossibilidade da alternância causativo-incoativa, as autoras dão evidências de outras propriedades sintáticas e semânticas comuns a cada classe específica, justificando assim a classificação proposta em uma vasta análise empírica<sup>6</sup>.

Vejamos, pois, quais são as representações em predicados primitivos propostas para essas quatro classes.

## 2.1 AS CLASSES VERBAIS E AS ESTRUTURAS DE DECOMPOSIÇÃO EM PREDICADOS PRIMITIVOS

Primeiramente, vejamos as paráfrases dadas por Cançado, Godoy e Amaral (no prelo) para evidenciar os componentes de sentido recorrentes de verbos que participam das classes de mudança de estado (*quebrar*), de mudança de estado locativo (*acomodar*), de mudança de lugar (*enjaular*) e de mudança de posse (*apimentar*):

- (14) X (volicionalmente ou não) causa Y ficar em determinado estado.
- (15) X volicionalmente causa Y ficar em determinado estado em algum lugar.
- (16) X volicionalmente causa Y ficar em determinado lugar.
- (17) X volicionalmente causa Y ficar com determinada coisa.

Essas sentenças parafraseiam as seguintes representações em predicados primitivos para cada classe verbal<sup>7</sup>:

- (18) Classe de *quebrar*: [ [X<sub>(VOLITION)</sub>] CAUSE [ BECOME Y <STATE> ] ]
- (19) Classe de *acomodar*: [ [X<sub>VOLITION</sub>] CAUSE [ BECOME Y <STATE> IN Z ] ]
- (20) Classe de *enjaular*: [ [X<sub>VOLITION</sub>] CAUSE [ BECOME Y IN <PLACE> ] ]
- (21) Classe de *apimentar*: [ [X<sub>VOLITION</sub>] CAUSE [ BECOME Y WITH <THING> ] ]<sup>8</sup>

Especifiquemos, pois, o que representam os componentes da linguagem usados na elaboração dessas estruturas. Um primeiro sentido recorrente que podemos observar é a relação de causação existente em todas as estruturas. Seguindo a ideia da lógica de saturação

---

<sup>6</sup> Cançado, Godoy e Amaral (no prelo) apresentam, em seu trabalho, 860 verbos e cerca de 5630 sentenças que exemplificam a sua proposta de classificação verbal. Dentre as propriedades sintáticas que cada classe apresenta, e que as diferenciam, estão a passivização, a alternância causativo-incoativa, transitividade, possibilidade de marcação com *se*, reflexivização, dentre outras.

<sup>7</sup> Na proposta das autoras, todos os predicados primitivos são justificados através de testes e evidências. Vamos, aqui, somente assumir a existência dessas classes e as representações propostas.

<sup>8</sup> As representações dadas por Cançado, Godoy e Amaral (no prelo) são baseadas nas representações de Levin e Rappaport-Hovav (2005), Rappaport-Hovav e Levin (1998a) e Cançado e Godoy (2012).

de predicados, podemos ver que o metapredicado CAUSE, que representa a natureza causativa desses verbos, toma como argumentos os dois subeventos notados entre colchetes, o que também representa que esses verbos que denotam mudança contêm dois subeventos. Podemos evidenciar essa relação causal, e, conseqüentemente, bieventiva, com o teste do advérbio *quase* que explicitamos acima:

- (22) a. O João quase quebrou o vaso.  
b. O que o João quase fez foi quebrar o vaso.  
c. O que o João fez foi quase quebrar o vaso.
- (23) a. O marceneiro quase acomodou a mobília no quarto.  
b. O que o marceneiro quase fez foi acomodar a mobília no quarto.  
c. O que o marceneiro fez foi quase acomodar a mobília no quarto.
- (24) a. O domador quase enjaulou o leão.  
b. O que o domador quase fez foi enjaular o leão.  
c. O que o domador fez foi quase enjaular o leão.
- (25) a. A cozinheira quase apimentou a comida.  
b. O que a cozinheira quase fez foi apimentar a comida.  
c. O que a cozinheira fez foi quase apimentar a comida.

Em todos os exemplos em (b), o participante denotado pelo sujeito nem começou a agir, tendo assim o advérbio *quase* escopo sobre o primeiro subevento temporal; nos exemplos em (c), o participante agiu, mas o resultado da sua ação sobre o objeto não se efetuou, tendo assim, o advérbio *quase* escopo sobre o segundo subevento do verbo. Com esses exemplos, mostramos que esses verbos são realmente compostos por dois subeventos e, conseqüentemente, possuem uma relação de causação como componente de seu sentido.

As variáveis X, Y e Z representam os argumentos que se projetam na sintaxe. Nas quatro estruturas, o argumento X satura a primeira posição argumental do metapredicado CAUSE. A esse argumento X pode ser associado o modificador VOLITION, indicando a característica agentiva do argumento externo dos verbos dessas classes. Os parênteses em (18) indicam opcionalidade<sup>9</sup>.

Em relação ao segundo subevento das estruturas, vemos que o metapredicado

---

<sup>9</sup> Esclarecendo o questionamento de um dos pareceristas, assumimos que tanto [X] quanto [X<sub>VOLITION</sub>] nessas estruturas representam subeventos, nos quais existe um participante X, com ou sem volição, que participa de uma eventualidade, representada pelos colchetes.

BECOME (*ficar/tornar-se*)<sup>10</sup> mostra o sentido recorrente de mudança existente em todas as quatro classes verbais.

Na classe de *quebrar*, temos o subevento [BECOME Y <STATE>] saturando a segunda posição argumental de CAUSE. Esse subevento representa a mudança de estado. O argumento Y satura o metapredicado <STATE> e Y <STATE> satura o metapredicado BECOME.

Na classe de *acomodar*, temos o subevento [BECOME Y <STATE> IN Z] saturando a segunda posição argumental de CAUSE. Esse subevento representa a mudança de estado relativa a uma locação. O metapredicado BECOME toma como argumento Y <STATE> IN Z. O metapredicado IN, pela sua natureza diádica (Hale e Keyser, 2002), toma Y <STATE> como primeiro argumento e Z como segundo argumento; também é a preposição que mostra o sentido locativo contido no verbo. O metapredicado <STATE> é saturado pelo argumento Y.

Na terceira estrutura, da classe de *enjaular*, temos o subevento [BECOME Y IN <PLACE>] saturando a segunda posição argumental de CAUSE. Esse subevento representa a mudança de lugar. O metapredicado BECOME toma como argumento Y IN <PLACE>. O metapredicado IN indica o sentido locativo do verbo e a sua natureza diádica o faz tomar Y e <PLACE> como argumentos.

Na quarta estrutura, da classe de *apimentar*, temos o subevento [BECOME Y WITH <THING>] saturando a segunda posição argumental de CAUSE. Esse subevento representa a mudança de posse. O metapredicado BECOME, que denota a mudança, toma como argumento Y WITH <THING>. A preposição WITH indica o sentido de posse do verbo e a sua natureza diádica a faz tomar Y e <THING> como argumentos.

Até aqui, mostramos a metalinguagem usada para representar a parte do significado que é recorrente nessas classes de verbos, ou seja, o que é decomponível. Entretanto, os verbos individualmente, além da parte do sentido que compartilham com outros verbos, também apresentam um sentido que é idiossincrático. Esse sentido, que chamamos de raiz, tem relação com os nomes dos verbos (Rappaport-Hovav e Levin, 1998b) e vem representado em itálico e entre colchetes angulados. As raízes dos verbos, apesar de veicularem um sentido idiossincrático, podem também ser classificadas quanto a determinados tipos ontológicos

---

<sup>10</sup> Um metapredicado não tem exatamente o mesmo significado que o verbo que é usado para expressá-lo em uma paráfrase (Van Valin, 2005), como as das sentenças em (14)-(17). Baseadas nessa constatação, Cañado, Godoy e Amaral (no prelo) assumem que não existe uma tradução única do metapredicado BECOME para o português. Por exemplo, parece que certos adjetivos se compõem melhor com o verbo *tornar-se* para expressar o acarretamento da mudança de estado (*tornar-se um estado*), enquanto outros adjetivos se compõem melhor com o verbo *ficar* na acarretamento da mudança de estado (*ficar em um estado*). O relevante é que se mantenha o sentido de mudança, expresso por BECOME.



(Rappaport-Hovav e Levin, 1998a). As raízes dos verbos de mudança de estado e mudança de estado locativo são classificadas ontologicamente como ESTADO (*STATE*). As raízes dos verbos de mudança de lugar são classificadas ontologicamente como LUGAR (*PLACE*). E as raízes dos verbos de mudança de posse são classificadas ontologicamente como COISA (*THING*).

Tendo mostrado as estruturas semânticas gerais das classes analisadas, ilustremos agora a estrutura argumental de um verbo específico, *quebrar*, que pertence à classe dos verbos de mudança de estado:

(26) *quebrar*: [ [ X <sub>(VOLITION)</sub> ] CAUSE [ BECOME Y <QUEBRADO> ] ]

A parte recorrente do sentido desse verbo é toda a estrutura antes dos colchetes angulados e a parte idiossincrática é a que está dentro dos colchetes. Em uma sentença como *o João quebrou o vaso*, podemos associar *o João* e *o vaso* às variáveis X e Y. O subevento [BECOME Y <QUEBRADO>], associamos ao resultado da ação: o vaso ficar quebrado. A raiz *QUEBRADO*, que é o que o caracteriza individualmente, associamos ao estado final do evento e ao nome do verbo. Por fim, o metapredicado CAUSE associamos à relação de causação entre os dois subeventos: o primeiro, de o João ser o desencadeador de um processo e o segundo, de o vaso sofrer uma mudança para o estado de ficar quebrado.

### 3. VANTAGENS DA DECOMPOSIÇÃO DE PREDICADOS COMO LINGUAGEM

Uma pergunta sempre colocada é em que uma linguagem como essa seria mais adequada em relação a uma abordagem por grades temáticas para se representar a estrutura argumental de classes verbais? Se usássemos a grade temática dos verbos, uma possível representação das estruturas argumentais das classes de (6) a (9) seria:

(27) *quebrar*: {Causa (Agente), Paciente}

(28) *acomodar*: {Agente, Paciente, Locativo}

(29) *enjaular*: {Agente, Paciente}

(30) *apimentar*: {Agente, Paciente}<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Em uma abordagem mais fina do conteúdo dos papéis temáticos, seria possível distinguir os “pacientes” de (27) a (30), considerando que pode haver pelo menos três tipos de afetação: um “paciente”, afetado fisicamente, que muda de estado, um “tema”, que seria o participante afetado em seu deslocamento, e ainda um “possuidor”

Como já mostramos, todos os verbos denotam um tipo de mudança específica, que se reflete nas propriedades sintáticas de cada classe. A partir das representações por grades temáticas dadas acima não teríamos como prever a diferença de comportamento gramatical entre os verbos que denotam uma mudança de estado e os verbos que denotam outros tipos de mudança, pois a todos os argumentos internos seria atribuído o mesmo papel temático de paciente.

No entanto, usando a linguagem de decomposição de predicados, podemos capturar essas diferenças no tipo de mudança, sem perdermos o sentido recorrente das várias classes dos verbos. Vejamos novamente as estruturas:

(31) *quebrar*: [ [X<sub>(VOLITION)</sub>] CAUSE [ BECOME Y <STATE> ] ]

(32) *acomodar*: [ [X<sub>VOLITION</sub>] CAUSE [ BECOME Y <STATE> IN Z ] ]

(33) *enjaular*: [ [X<sub>VOLITION</sub>] CAUSE [ BECOME Y IN <PLACE> ] ]

(34) *apimentar*: [ [X<sub>VOLITION</sub>] CAUSE [ BECOME Y WITH <THING> ] ]

Primeiramente, podemos observar que o grande agrupamento proposto – verbos de mudança – não é apenas descritivo, mas tem respaldo na estrutura de predicados de todas as classes. O sentido de mudança está explícito em todas as representações por meio do metapredicado BECOME associado a seu argumento interno (seja o argumento Y <STATE>, seja Y <STATE> IN Z, seja Y IN <PLACE>, seja Y WITH <THING>). É esse metapredicado que reúne todas as classes apresentadas em uma grande classe semântica. E, ainda, através dos argumentos do metapredicado BECOME, podemos captar as diferenças de mudança: Y <STATE> representa o estado, Y <STATE> IN Z representa o estado locativo, Y IN <PLACE> representa o lugar e Y WITH <THING> representa a posse. São essas informações que dividem os verbos em classes de mudança mais específicas.

Podemos destacar também que a maior formalização da linguagem nos dá uma descrição mais fina e menos divergente do que a descrição em termos de papéis temáticos. Ainda, podemos destacar a vantagem de uma linguagem como a decomposição de predicados

---

ou “beneficiário”, um participante afetado em suas posses. Ou seja, poderíamos propor grades temáticas diferentes para cada uma das quatro classes tratadas aqui. No entanto, tal refinamento significaria perder a representação da generalização de que todas as quatro classes expressam uma mudança. Ou seja, a linguagem da decomposição de predicados, é, por um lado, capaz de explicitar as diferenças entre as classes, e, por outro, é capaz de abarcar sentidos recorrentes, como ficará claro adiante. No nível dos papéis temáticos, uma das duas opções deve ser feita – refinar, explicitando-se as diferenças, mas perdendo o sentido comum às classes, ou generalizar, capturando o sentido comum entre as classes, mas perdendo as suas especificidades.

representar não somente a relação semântica que os argumentos estabelecem com os predicados, mas também representar a estrutura dos eventos. A partir de representações como as em (31)-(34), podemos dizer se o evento denotado é uma atividade, um estado, etc. Esse tipo de informação não é acessível a uma estrutura argumental dada em termos de papéis temáticos.

Além disso, como argumentam Levin e Rappaport-Hovav (2005), em uma representação por grades temáticas, não podemos fazer a distinção entre raiz e estrutura, o que é uma grande perda em termos analíticos. Se a raiz representa a parte idiossincrática do sentido do verbo, podemos aí alocar várias propriedades que fazem parte do sentido dos verbos, mas que não são relevantes gramaticalmente; as propriedades relevantes gramaticalmente são sempre alocadas na parte estrutural e recorrente dos verbos. Tal distinção não é captada por uma linguagem em termos de papéis temáticos.

#### **4. DERIVAÇÃO DOS PAPÉIS TEMÁTICOS E DO ASPECTO LEXICAL**

A partir das estruturas de decomposição de predicados propostas para as classes dos verbos de mudança, podemos, então, derivar duas outras informações semânticas: os tipos de papéis temáticos atribuídos aos argumentos X, Y e Z e o tipo de aspecto lexical do verbo.

##### **4.1 PAPÉIS TEMÁTICOS**

Papel temático pode ser definido, *grosso modo*, como a relação semântica que se estabelece entre um predicado e seus argumentos. Alguns autores assumem essa noção como sendo primitiva e fornecem uma lista de papéis e as respectivas definições (Gruber, 1965; Fillmore, 1968; Jackendoff, 1972; dentre outros). Outros assumem que essa função semântica é derivada da relação estabelecida entre predicado e argumento e pode ser definida de diversas formas (Jackendoff, 1983, 1990; Dowty, 1989, 1991; Cançado, 2005; dentre outros). Seguindo a linha de Jackendoff (1983, 1990), que define papel temático a partir da posição de argumentos em uma estrutura conceitual semântica, propomos adotar um tipo de procedimento semelhante. Iremos definir os papéis temáticos a partir das estruturas estabelecidas com as variáveis X, Y e Z e os metapredicados e modificadores na estrutura de decomposição de predicados de um verbo. Vejamos uma primeira estrutura:

(35) [ [X VOLITION] CAUSE [ BECOME Y <STATE> ] ]

Podemos, a partir da estrutura de decomposição acima, estabelecer que o papel temático agente é a função atribuída a todo argumento que tiver como um modificador a propriedade de volição. Assim, podemos igualar mais esquematicamente:

(36) Se  $X_{VOLITION} \Rightarrow X$  é agente

Não estamos com isso limitando a definição de agente à subestrutura  $[X_{VOLITION}]$ , mas propondo que toda vez que a estrutura de decomposição de predicados contiver essa estrutura, teremos aí um argumento que recebe o papel temático agente. Essa observação é importante, pois existe mais de um tipo de estrutura associada ao papel temático agente. Por exemplo, Amaral (2013) mostra que também será associado o papel temático agente a estruturas como as abaixo, em (37) e (38), contidas em alguns verbos de atividade:

(37) [ X ACT ]

(38) [ X DO ]

A intuição de que existem vários tipos de agente já é apontada em Cruse (1973), Dowty (1989, 1991), Van Valin e Wilkins (1996), Caçado (2005), entre outros. Dowty (1989, 1991), por exemplo, mostra com a definição *fuzzy* dos papéis temáticos que um agente pode ter mais ou menos propriedades tipicamente agentivas dependendo do tipo semântico do verbo. Também Caçado (2005) propõe que papel temático é um grupo de propriedades acarretadas por toda uma proposição a um determinado argumento. Podemos ter verbos ou sintagmas verbais, cujo argumento externo recebe as propriedades de ser desencadeador com controle (como *escrever*, no sentido de atividade, por exemplo); em outros verbos, o argumento externo recebe as propriedades de desencadeador com controle e afetado no processo (como *correr*, por exemplo).

Essa constatação só reforça a vantagem de se ter uma estrutura de decomposição de predicados representando a estrutura argumental de um verbo, em relação à representação por papéis temáticos. Uma estrutura temática não consegue captar essas nuances da agentividade que estão representadas na estrutura de decomposição. Veja que, para verbos como *escrever* e *correr*, teríamos o mesmo tipo de papel na representação da grade temática:

(39) *escrever*: {Agente}

(40) *correr*: {Agente}

A distinção semântica entre esses argumentos será relevante, pois não podemos prever, a partir da grade temática, que *correr*, por exemplo, aceita um objeto cognato (*correr uma corrida importante*) e *escrever* (*\*escrever uma escrita bonita*) não o aceita. Entretanto, uma previsão desse tipo pode ser derivada da estrutura de decomposição de predicados. Segundo Amaral (2013), somente verbos que contêm a estrutura com o metapredicado DO aceitam o objeto cognato.

Um segundo papel temático que pode ser derivado da estrutura de decomposição é o papel temático de causa. O argumento que anteceder o metapredicado CAUSE, sem o modificador VOLITION, receberá a função semântica de causa:

(41) [ [ X ] CAUSE [ BECOME Y <STATE> ] ]

Dessa estrutura também podemos tirar outra conclusão, já apontada por Parsons (1990): o metapredicado CAUSE e o papel temático causa são conceitos distintos. O metapredicado CAUSE é um componente de sentido contido na estrutura recorrente de certos verbos que indica que o verbo em questão estabelece uma relação sequencial e dependente entre dois subeventos. O papel temático causa é uma função semântica, atribuída a um argumento, derivada da relação estabelecida entre o metapredicado CAUSE e o seu primeiro argumento. Podemos, então, propor a seguinte definição esquemática:

(42) Se [ X ] CAUSE => X é causa

O terceiro papel temático que podemos apontar a partir das estruturas de decomposição aqui estudadas é o paciente. O papel temático paciente pode ser definido como a função semântica atribuída à variável Y, que sucede o metapredicado BECOME. Veja as estruturas de decomposição relativas às classes de mudança de estado, mudança de estado locativo, mudança de lugar e mudança de posse:

(43) [ [X (VOLITION)] CAUSE [ **BECOME** Y <STATE> ] ]

(44) [ [X VOLITION] CAUSE [**BECOME** Y <STATE> IN Z ] ]

(45) [ [X VOLITION ] CAUSE [**BECOME** Y IN <PLACE> ] ]

(46) [ [X VOLITION] CAUSE [BECOME Y WITH <THING>] ]

Todas as variáveis Y acima recebem o papel temático de paciente. Com isso, teríamos todas as classes com o mesmo papel temático atribuído ao argumento interno dos verbos. Como já mostramos acima, a grade temática só recupera o sentido de mudança, recorrente entre os verbos. Os sentidos mais específicos, como estado, estado locativo, lugar e posse, relevantes gramaticalmente, só são recuperados a partir das estruturas de decomposição. Esquemáticamente, temos a seguinte definição para o paciente:

(47) Se BECOME Y => Y é paciente

Um quarto e último papel temático que podemos derivar das nossas estruturas é o locativo. A variável Z, argumento interno do metapredicado IN, será um locativo:

(48) [ [X VOLITION] CAUSE [BECOME Y <STATE> IN Z ] ]

Esquemáticamente, temos a seguinte definição:

(49) Se [IN Z] => Z é locativo

Com essas observações, estamos aptos a atribuir a grade temática de todas as classes analisadas. Para a classe de verbos de mudança de estado (*quebrar*), temos:

(50) [ [X (VOLITION)] CAUSE [ BECOME Y <STATE> ] ]

(51) {Causa (Agente), Paciente}

O primeiro argumento pode receber o papel temático de causa ou de agente, opcionalidade essa marcada pelos parênteses; e o segundo argumento de paciente.

A classe de verbos de mudança de estado locativo apresenta três argumentos a serem atribuídos os papéis temáticos. Podemos derivá-los da estrutura:

(52) [ [X VOLITION] CAUSE [BECOME Y <STATE> IN Z ] ]

(53) {Agente, Paciente, Locativo}

As classes dos verbos de mudança de lugar (*enjaular*) e verbos de mudança de posse (*apimentar*) terão a mesma grade temática:

(54) [ [X VOLITION ] CAUSE [BECOME Y IN <PLACE>] ]

(55) [ [X VOLITION] CAUSE [BECOME Y WITH <THING>] ]

(56) { Agente, Paciente }

Se temos duas variáveis, teremos dois argumentos recebedores de papel temático. Segundo as definições acima, o argumento X está associado ao papel temático de agente e o argumento Y está associado ao papel temático de paciente. Esses são os papéis temáticos possíveis de serem derivados das classes estudadas por Cançado, Godoy e Amaral (no prelo). Entretanto, não se esgota aqui a definição dos papéis temáticos recorrentes na literatura linguística.

Uma última observação diz respeito ao papel temático de experienciador, tão utilizado na literatura. Cançado, Godoy e Amaral (no prelo) mostram que verbos experienciadores do tipo *preocupar* também fazem parte da classe de verbos de mudança de estado. Apesar de esse papel temático ser muito utilizado, a propriedade de ser experienciador não é relevante para o agrupamento dos verbos em classes (como também é mostrado em Cançado, 2012), pois faz parte do sentido das raízes desses verbos. Vejamos, pois, qual seria a estrutura argumental em termos de decomposição de predicados dada para o verbo *preocupar*:

(57) *preocupar*: [ [X] CAUSE [ BECOME Y <PREOCUPADO>] ]

Pela estrutura, podemos perceber que esse verbo pertence à classe de verbos de mudança de estado. O papel temático de experienciador não pode ser derivado da estrutura recorrente dessa classe, como os outros papéis acima. Entretanto, ele pode ser inferido da raiz do verbo, pois quem se preocupa necessariamente passa por uma experiência psicológica. Os papéis temáticos mais gerais (relevantes para a classificação dos verbos) são dados na relação da variável com os metapredicados recorrentes, enquanto que há outras inúmeras propriedades (não relevantes para essa classificação) que também poderiam ser atribuídas à variável, na sua relação com a raiz. Por exemplo, o argumento Y do verbo *quebrar* tem de ser algo sólido e duro etc. Segundo nossa análise, a propriedade de experienciador, então, seria desse tipo, atribuída pela raiz, e, portanto, irrelevante para a classificação verbal. Essa informação extra pode ser acrescentada à grade temática de verbos desse tipo, verbos que

denotam uma experiência psicológica, se não tomamos o conceito de papel temático como tendo um estatuto teórico e de uma forma tão drástica como propõe o conhecido Critério-Theta. Veja que um verbo como *preocupar* poderia ter como grade temática:

(58) *preocupar*: {Causa, Paciente/Experienciador}

Não poderíamos falar que existe uma classe específica de verbos com essa grade temática, pois, levando-se em conta a relevância gramatical, outros tipos semânticos de verbos também teriam as mesmas propriedades sintáticas que esses verbos. Entretanto, podemos prever que verbos que apresentam essa grade temática não terão construções reflexivas (*\*o João preocupou ele mesmo*), ou construções do tipo parte-todo (*o João quebrou a perna/\*o João preocupou a cabeça*), como mostrado em Cançado, Godoy e Amaral (no prelo). Com isso estamos assumindo que uma análise por papéis temáticos é menos abrangente para uma classificação de verbos, mas pode ser um importante instrumento de análise semântica em outras esferas, constituindo-se em um relevante aspecto da descrição linguística.

#### 4.2 ASPECTO LEXICAL

A segunda propriedade que podemos derivar das estruturas de decomposição é o aspecto lexical. O aspecto lexical é uma propriedade lexical dos verbos que remete a como um evento denotado por um verbo se desenrola no decorrer do tempo. Segundo Vendler (1967), os verbos podem ser divididos em quatro classes segundo seu aspecto lexical: estado, que é um tipo de evento que não indica um processo que se desenvolve no tempo; atividade, que é um tipo de evento que se desenvolve no tempo, sem ter um determinado ponto de conclusão; *accomplishment*, que é um tipo de evento que se desenvolve no tempo, denotando o princípio, meio e o ponto final; e *achievement* que é um tipo de evento pontual que não se desenvolve no tempo.

Essas classes podem ser definidas em termos das estruturas de decomposição de predicados, como propõe Dowty (1979), já que essas estruturas representam a semântica de todo o evento denotado pelo verbo, incluindo a forma como esse evento ocorre no tempo. Vejamos abaixo uma estrutura genérica dos verbos de mudança e como o aspecto lexical pode ser derivado dessa estrutura:

(59) *v*: [ [X] CAUSE [ BECOME Y ...] ]



Na estrutura genérica apresentada acima, temos um evento desencadeando outro evento, o que é mostrado pelo metapredicado CAUSE relacionando dois subeventos, e BECOME indicando um resultado ou mudança para um estado final (Dowty, 1979). Como vimos, verbos que nomeiam eventos no mundo que têm um princípio, um meio e um estado final são classificados como *accomplishments*. Dessa forma, todos os verbos de mudança do PB denotam eventos de *accomplishment*.

Segundo Dowty (1979), um bom teste para evidenciarmos essa classificação aspectual é o teste da composição com o advérbio *quase*, pois esse teste mostra a natureza bieventiva e causal dos verbos e, conseqüentemente, testa se sentenças construídas com esses verbos denotam eventos de *accomplishment*. Como já mostramos acima, nos exemplos de (22) a (25), todas as quatro classes estudadas apresentam verbos que têm a natureza bieventiva, como evidencia o teste com o advérbio *quase*. Portanto, podemos afirmar que os verbos de mudança do português brasileiro denotam eventos do tipo *accomplishment*.

Outra observação interessante sobre aspecto que podemos derivar das estruturas de predicado primitivo é que os verbos de mudança de estado podem apresentar alternância aspectual na forma incoativa:

- (60) a. O João quebrou o vaso.  
b. O vaso (se) quebrou.

Em (60b), o verbo passa a denotar um evento simples, composto somente do subevento resultante, que denota a mudança para um estado final. Eventos pontuais têm a natureza aspectual de *achievement*, como vimos acima. Portanto, podemos assumir que esses verbos denotam *achievements* em sentenças intransitivas. Essa alternância pode ser representada pelas seguintes estruturas:

- (61) a. v: [ [X] CAUSE [ BECOME Y <STATE> ]  
b. v: [ BECOME Y <STATE> ]

A afirmação de que essas sentenças alternadas são denotações de *achievements* pode ser evidenciada através da ausência da ambigüidade de sentenças incoativas com o advérbio *quase*:

(62) O vaso quase se quebrou.

A sentença em (62) só pode ter uma interpretação em que o evento denota o resultado final sobre o qual o advérbio *quase* pode incidir. Portanto, podemos também derivar das representações de predicados primitivos o aspecto dos verbos que denotam *achievements*.

Como acontece com os papéis temáticos, também na classificação aspectual pode haver influência de informações semânticas da raiz, como argumenta Harley (2005)<sup>12</sup>. Alguns verbos, como o verbo de mudança de estado *esfriar*, se comportam tanto como *accomplishments* quanto como atividades em alguns testes de aspecto e são chamados por Dowty (1979) de *degree achievements*:

(63) *esfriar*: [ [X<sub>(VOLITION)</sub>] CAUSE [BECOME Y <FRIO>] ]

(64) O João esfriou a sopa em/por 10 minutos.

A possibilidade de ocorrência desse verbo com o sintagma *por 10 minutos* (que é característica de verbos de atividade) é atribuída ao caráter gradativo do adjetivo *frio*, ou seja, existe uma escala do menos frio para o mais frio e essa escala parece ser relevante para a interpretação final do aspecto em sentenças com o verbo *esfriar* (Rappaport-Hovav, 2008). Já a possibilidade de ocorrência desse verbo com o sintagma *em 10 minutos* (que é característica de verbos de *accomplishment* e *achievement*) resulta das características estruturais do verbo; como vimos, verbos de mudança de estado denotam eventos de *accomplishment*.

Ressaltamos com isso a centralidade das estruturas de decomposição de predicados como descrições semânticas, das quais podemos derivar o aspecto lexical, decorrente da maneira como conceptualizamos os eventos organizados em componentes primitivos. Ressaltamos também que não se esgota aqui a definição das classes aspectuais, pois a partir da estrutura de decomposição de predicados de outros verbos que não são verbos de mudança poderemos derivar outros aspectos lexicais, como estado e atividade, e os aspectos de *accomplishment* e *achievement* também poderão ser derivados de estruturas diferentes das apresentadas neste artigo.

---

<sup>12</sup> Harley (2005) desenvolve sua argumentação sobre aspecto lexical com base em uma proposta de representação lexical sintática, entretanto, as afirmações da autora são pertinentes também em uma proposta de representação lexical semântica como a decomposição de predicados.

## 5. CONCLUSÃO

Mostramos, neste artigo, a vantagem de se usar uma linguagem como a decomposição em predicados primitivos para representar a estrutura argumental de classes verbais. Dentre essas vantagens, podemos apontar que a linguagem oferece uma maneira formal de se representar o significado lexical e a possibilidade de derivação de informações semânticas acerca do tipo aspectual do verbo e do tipo temático dos argumentos, a partir das estruturas de decomposição. Ainda, a linguagem nos permite fazer a distinção entre raiz, que representa o sentido idiossincrático do verbo, e a estrutura, que representa os componentes de sentido recorrentes entre os verbos de uma determinada classe. Outras linguagens, como, por exemplo, as grades temáticas usadas para representar a estrutura argumental, não recuperam tal distinção, o que é uma grande perda em termos analíticos.

Usamos, para tal argumentação, a classificação semântica por decomposição de predicados de classes verbais do português brasileiro proposta em Cançado, Godoy e Amaral (no prelo). As autoras propõem que vários verbos do português pertencem a um grande agrupamento de verbos que denotam mudança, sendo que essa grande classe pode ser dividida em quatro classes, relevantes gramaticalmente: verbos de mudança de estado (*quebrar*), verbos de mudança de estado locativo (*acomodar*), verbos de mudança de lugar (*enjaular*) e verbos de mudança de posse (*apimentar*). Baseadas nas estruturas de predicados primitivos propostas pelas autoras, então, explicitamos o funcionamento da linguagem e mostramos a vantagem de se usá-la para representar a estrutura argumental de classes verbais em relação às grades temáticas.

Propomos, ainda, a definição de alguns papéis temáticos a partir das estruturas de predicados primitivos apresentadas e finalizamos com a associação das estruturas a tipos aspectuais de verbos do PB.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMARAL, Luana. *Os predicados primitivos ACT e DO na representação lexical dos verbos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2013.
2. CANÇADO, Márcia. Propriedades semânticas e posições argumentais. *D.E.L.T.A.*, v. 21, n. 1, 2005.
3. CANÇADO, Márcia. Verbos Psicológicos: uma classe relevante gramaticalmente? *Revista Veredas*, v. 16, n. 2, 2012.

4. CANÇADO, Márcia; GODOY, Luisa. Representação lexical de classes verbais do PB. *ALFA*, v. 56, n. 1, 2012.
5. CANÇADO, Márcia; GODOY, Luisa; AMARAL, Luana. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, no prelo.
6. CLARK, Eve; CLARK, Herbert. When nouns surface as verbs. *Language*, v. 55, 1979.
7. CRUSE, D. Alan. Some thoughts on agentivity. *Journal of Linguistics*, v. 9, n. 1, 1973.
8. DIXON, Robert. *A new approach to English grammar, on semantic principles*. Oxford: Clarendon Press, 1992.
9. DOWTY, David. *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: D. Reidel, 1979.
10. DOWTY, David. On the Semantic Content of the Notion of Thematic Role. In: CHIERCHIA, Genaro; PARTEE, Barbara; TURNER, Raymond. *Properties, Types and Meaning: volume 2: Semantic Issues*. Dordrecht: Kluwer, 1989.
11. DOWTY, David. Thematic proto-roles and argument selection. *Language*, v. 67, n. 3, 1991.
12. DOWTY, David. The Semantic Asymmetry of 'Argument Alternations' (and Why It Matters). *Groninger Arbeiten zur germanistischen Linguistik*, v. 44, 2001.
13. FILLMORE, Charles. The Case for Case. In: BACH, Emmon; HARMS, Robert. *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1968.
14. FILLMORE, Charles. The grammar of hitting and breaking. In: JACOBS, Roderick; ROSENBAUM, Peter. *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham: Ginn, 1970.
15. FRANCHI, Carlos. Predicação. In: CANÇADO, Márcia. Predicação, relações semânticas e papéis temáticos: anotações de Carlos Franchi. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 11, n. 2, 2003.
16. GRUBER, Jeffrey. *Studies in Lexical Relations*. Tese de Doutorado, MIT, Cambridge, MA, 1965.
17. HALE, Ken; KEYSER, Samuel. *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.
18. HARLEY, Heidi. How do verbs get their names? Denominal Verbs, Manner Incorporation and the Ontology of Verb Roots in English. In: ERTESCHIK-SHIR, Nomi; RAPPOPORT, Tova. *The Syntax of Aspect*. Oxford: Oxford university Press, 2005.
19. JACKENDOFF, Ray. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1972.

20. JACKENDOFF, Ray. *Semantics and Cognition*. Cambridge: MIT Press, 1983.
21. JACKENDOFF, Ray. *Semantic Structures*. Cambridge: MIT Press, 1990.
22. LAKOFF, George. *Irregularity in Syntax*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970.
23. LEVIN, Beth. *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
24. LEVIN, Beth. Further Explorations of the Landscape of Causation: Comments on the Paper by Alexiadou and Anagnostopoulou. *Proceedings of the Workshop on Greek Syntax and Semantics, MIT Working Papers in Linguistics*, v. 49. Cambridge: MIT Press, 2009.
25. LEVIN, Beth; RAPPAPORT-HOVAV, Malka. *Unaccusativity: at the syntax lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.
26. LEVIN, Beth; RAPPAPORT-HOVAV, Malka. Two Structures for Compositionally Derived Events. *Proceedings of SALT 9*. Ithaca: Cornell Linguistics Circle Publications, 1999.
27. LEVIN, Beth; RAPPAPORT-HOVAV, Malka. *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
28. McCAWLEY, James. The role of semantics in a grammar. In: BACH, Emmon; HARMS, Robert. *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1968.
29. MORGAN, Jerry . On arguing about semantics. *Papers in Linguistics*, v. 1, 1969.
30. PARSONS, Terence. *Events in the Semantics of English*. Cambridge: MIT Press, 1990.
31. PUSTEJOVSKY, James. *The Generative Lexicon*. Cambridge: MIT Press, 1995.
32. RAPPAPORT-HOVAV, Malka. Lexicalized meaning and the internal temporal structure of events. In: ROTHSTEIN, Susan. *Theoretical and Crosslinguistic Approaches to the Semantics of Aspect*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.
33. RAPPAPORT HOVAV, Malka; LEVIN, Beth. Building Verb Meanings. In: BUTT, Mirian; GEUDER, Wilhem. *The projection of arguments: Lexical and Syntactic Constraints*. Stanford: CSLI Publications, Stanford University, 1998a.
34. RAPPAPORT-HOVAV, Malka; LEVIN, Beth. Morphology and Lexical Semantics. In: SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold. *Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, 1998b.
35. RAPPAPORT-HOVAV, Malka; LEVIN, Beth. Reflections on Manner/Result Complementarity. In: RAPPAPORT-HOVAV, Malka; DORON, Edit; SICHEL, Ivy. *Syntax, lexical semantics, and event structure*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

36. ROSS, John. Adjectives as noun phrases. In: REIBEL, David; SCHANE, Sanford. *Modern studies in English*. Englewood Cliffs: Prentice-Hal, 1969.
37. STECHOW, Arnim von. Lexical decomposition in syntax. In: EGLI, Urs; PAUSE, Peter; SCHWARZE, Christoph; STECHOW, Arnim von; WIENOLD, Götz. *Lexical knowledge in the organization of language*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
38. VAN VALIN, Robert. *Exploring the Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
39. VAN VALIN, Robert; LAPOLLA, Randy. *Syntax: Structure, Meaning, and Function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
40. VAN VALIN, Robert; WILKINS, David. The Case for 'Effector': Case Roles, Agents, and Agency Revisited. In: SHIBATANI, Masayoshi; THOMPSON, Sandra. *Grammatical Constructions: Their Form and Meaning*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
41. VENDLER, Zeno. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell, 1967.
42. WUNDERLICH, Dieter. Cause and the structure of verbs. *Linguistic Inquiry*, v. 28, n. 1, 1997.
43. WUNDERLICH, Dieter. Lexical Decomposition in Grammar. In: WERNING, Markus; HINZEN, Wolfram; MACHERY, Edouard. *The Oxford Handbook of Compositionality*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

**ABSTRACT:** This paper argues for a specific type of lexical semantic representation of argument structure: what is usually called “predicate decomposition”. In order to exemplify our proposal, we mention four large verb classes in Brazilian Portuguese, organized in predicate decomposition terms and exhaustively exemplified syntactically and semantically in Cançado, Godoy and Amaral (in press). Our goal is to show how predicate decomposition is a very complete semantic metalanguage. It serves mainly for representing grammatically-relevant lexical meanings, but it bares also two other types of lexical semantic information, which can be derived from the structures: thematic roles and lexical aspects. We thus show in what way thematic and aspectual information can be derived from the structures of the classes proposed.

**KEYWORDS:** predicate decomposition; argument structure; thematic roles; lexical aspect

Recebido no dia 28 de novembro de 2012.

Aceito para publicação no dia 28 de fevereiro de 2013.